

## HEIDEGGER ATRAVÉS DO ESPELHO: DA QUESTÃO SOBRE A TÉCNICA AO ARTIFICIALISMO RADICAL<sup>1</sup>

*Heidegger through the mirror: From the question concerning technology  
to the radical artificialism*

---

Diogo Bogéa<sup>2</sup>

### RESUMO

Nosso objetivo nesse artigo será reconsiderar as críticas heideggerianas à chamada “era técnica” à luz da teoria psicanalítica de MD Magno. Ancorado em uma “metafísica da linguagem”, Heidegger faz uma leitura negativa da tecnociência como máximo esquecimento do Ser. Partindo de uma base pulsional, Magno nos mostra outra possibilidade: considerar a potência do radical *art*, na tradução latina de *techne*, para pensar a lógica de constituição de tudo o que há como arte, artifício e articulação.

**Palavras-chave:** Tecnociência. Psicanálise. Pulsão. Artificialismo.

### ABSTRACT

Our aim in this paper will be to reconsider Heidegger's criticisms of the so-called “technical age” in the light of MD Magno's psychoanalytic theory. Anchored in a “metaphysics of language”, Heidegger makes a negative reading of technoscience as a maximum forgetfulness of Being. By starting from the drive, Magno shows us another possibility: considering the power of the root *art*, in the Latin translation of *techne*, to think the logic of constitution of everything that exists as art, artifice and articulation.

**Key-words:** Techoscience. Psychoanalysis. Drive. Artificialism.

### Considerações iniciais:

São bem conhecidas as críticas de Heidegger à chamada “Era técnica”. Além dos já muito célebres *A questão sobre a técnica* e *A época das imagens de mundo*, o texto da *Conferência de Atenas* traz uma das mais claras exposições de Heidegger acerca da essência da técnica – a qual caracterizaria nossa “Época”. Neste texto Heidegger se refere à “técnica científica”

---

<sup>1</sup> DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.250055>

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [diogobogea@hotmail.com](mailto:diogobogea@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0514-1553>. Professor de Filosofia e Psicanálise na Faculdade de Educação da UERJ. Doutor e Mestre em Filosofia pela PUC-Rio. Graduado em História pela UERJ-FFP.

como instância decisória “acerca do modo e das possibilidades da estância do homem no mundo” (HEIDEGGER, 1967, p. 6). A “técnica científica” ou, com mais propriedade, num termo já contemporaneamente banalizado, *tecnociência*, consiste no entrelaçamento essencial entre a física matemática – enquanto modelo e medida para as demais ciências – e a produtividade tecnológica. Recorrendo a um fragmento póstumo de Nietzsche, Heidegger define a essência do método científico como “o triunfo do método científico sobre a ciência”. Método aqui não significa, no entanto, “modo de operação” a ser utilizado como meio para uma investigação científica.

Método significa, antes, o modo e maneira como a correspondente área dos objectos de investigação é de antemão delimitado na sua objectualidade. O método é o projecto antecipativo do mundo, que fixa o rumo exclusivo da sua investigação possível. E qual é? Resposta: o da total calculabilidade de tudo o que é acessível e comprovável mediante experimentação. As ciências particulares estão sujeitas, no seu procedimento, a este projecto de mundo. Por isso, o método assim entendido "triumfa sobre a ciência". A este triunfo é-lhe inerente uma decisão. É esta: só o que é comprovável cientificamente, isto é, o que é calculável, pode valer de verdade como efectivamente real. A calculabilidade faz do mundo algo que, em qualquer lado e em qualquer momento, é dominável pelo homem. O método é um desafio triunfante ao mundo, para que se ponha absolutamente à disposição do homem. O triunfo do método sobre a ciência iniciou o seu caminho no século XVII, na Europa – e em nenhum outro lugar da Terra – com Galileu e com Newton. (HEIDEGGER, 1967, p. 7)

Um dos grandes feitos atribuídos à “Revolução Científica” da qual Galileu e Newton são os maiores expoentes, é a matematização universal dos fenómenos naturais. A concepção da matemática como a própria linguagem de Deus e a natureza como um livro escrito em “linguagem matemática” permitiram à ciência moderna levar a cabo a escandalosa unificação dos mundos sub e supralunar, num *universo* abstrato e quantificável, indiferente a propriedades qualitativas. Nesse sentido, a interpretação de Heidegger é muito esclarecedora, ao revelar o sentido originário da *matemática* (*tà mathémata*), não como um conjunto de operações, fórmulas e cálculos numéricos, mas como “aquilo que o homem já sabe de antemão ao considerar os entes e lidar com as coisas”. Isto é: nos corpos, “o corpóreo”, nas plantas “o

botânico”, no humano “a humanidade”, e, como caso exemplar, nas quantidades numéricas, os números, ou seja, “quando nos deparamos com três maçãs sobre a mesa, reconhecemos que há três delas. Mas o número três, a tríade, já eram nossos conhecidos”. Isso quer dizer que “o número é algo matemático”. E como casos mais evidentes do “matemático”, os números são posteriormente estabelecidos como os entes matemáticos por excelência.

Portanto, a Física moderna não é “matemática” porque realiza operações com números, mas porque já compreendeu de antemão a natureza como universo abstrato de relações quantitativas. (HEIDEGGER, s/d, p. 2) Por ser *matemática* nesse sentido, a Ciência moderna se revela como “pesquisa”, “experimento” controlado que visa a confirmação ou refutação de leis previamente estabelecidas e assume a forma de “exploração organizada” especializada e institucionalizada na qual cada procedimento “que conquista as esferas individuais de objetos não se limita a acumular resultados. É bem antes o caso que ele se prepara para um novo procedimento, com a ajuda dos seus resultados” (HEIDEGGER, s/d, p. 5).

O que ocorre de modo iminente com a difusão e consolidação do caráter institucional das ciências? Nada menos que o asseguramento da primazia do método diante do ente (natureza e história) que se torna, assim, objetivo, através da pesquisa. Sobre a base do seu caráter de exploração organizada, as ciências alcançam a reunião e unidade que lhes correspondem. (HEIDEGGER, s/d, p. 5)

O “triunfo do método” que, enquanto pesquisa e exploração organizada promove experimentos para exigir do ente a confirmação ou refutação de leis previamente dadas através de sucessivos procedimentos autorregulados por seus resultados parciais, tem de contar com a “necessidade de a natureza” – e o ente em geral – “fornecer dados, que se possa calcular, e de continuar sendo um sistema disponível de informações” (HEIDEGGER, 2012, p. 26). É na (pré)compreensão do ente como disponível para o fornecimento de dados e informações calculáveis que a Ciência Moderna se encontra – já desde sempre se encontrou – em essência, com a técnica moderna, pois esta é essencialmente caracterizada pela (pré)compreensão do ente como fundo de reserva constantemente disponível para a exploração calculada. “O desencobrimento que rege a técnica moderna é uma explora-

ção que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada” (HEIDEGGER, 2012, p. 19). “Beneficiada e armazenada” visando a re-disponibilização e re-processamento para uma nova exploração calculada com “o máximo de rendimento possível” e “o mínimo de gasto” (HEIDEGGER, 2012, p. 19).

O desencobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimento. Todavia, este desencobrimento não se dá simplesmente. Tampouco, perde-se no indeterminado. Pelo controle, o desencobrimento abre para si mesmo suas próprias pistas, entrelaçadas numa trança múltipla e diversa. Por toda parte, assegura-se o controle. Pois controle e segurança constituem até as marcas fundamentais do descobrimento explorador. (HEIDEGGER, 2012, p. 20)

Esse processo autorregulado e sem fim (sem final e sem finalidade maior) de máxima disponibilização do ente para a manipulação calculada constitui a essência da técnica, a *Gestell*, que diz em suas várias (im)possibilidades de tradução: “armação, composição, enquadramento, arazoamento, imposição, instalação, dispositivo” (LYRA, 2014, p. 2).

Todo este processo contínuo de uma ordenação de todas as coisas que, assim, já se disponibilizam como estoque para uma outra ordenação que, por sua vez, se encontra já disponível como estoque para uma outra ordenação de tudo e assim sucessivamente, constitui a ordem do *Gestell* (enframing, arraisonement, arazoamento); ordem esta que já não se dá nem em função da autonomia de um sujeito da representação, e nem, correlativamente, por meio da redução de todas as coisas à condição de objeto. Ambos, sujeito e objeto, são reduzidos agora à condição de estoque ou fundo de reserva sempre e já disponível ao cálculo de estratégias e práticas sucessivas e sempre renovadas de apropriação, manipulação e ordenação de tudo. (DUQUE-ESTRADA, 2006, p. 65)

Heidegger nos dá alguns famosos exemplos em *A essência da técnica*. A usina hidrelétrica que, não simplesmente encontra-se instalada no rio Reno, mas, pelo contrário, tem o rio Reno nela instalado a lhe fornecer constantemente pressão hidráulica para armazenamento, distribuição e re-

processamento calculados. O Reno que, embora permaneça “sendo o rio da paisagem”, só o é enquanto “objeto dis-posto à visitação turística por uma agência de viagens, por sua vez, dis-posta por uma indústria de férias” (HEIDEGGER, 2012, p. 20). Há também o exemplo da explora o de carvão e minérios. Neste caso a terra se revela como “depósito de carvão” e o solo como “jazida de minerais”. O carvão extraído   estocado e fica “a postos para se dis-por da energia solar nele armazenada”. O carvão ficará disponível para fornecer a temperatura, que por sua vez será disponibilizada para fornecer o vapor, que por sua vez será explorado pelos “mecanismos que mant m uma fábrica em funcionamento” (HEIDEGGER, 2012, p. 19).

Edgar Lyra nos fornece exemplos mais contemporâneos da *Gestell*. Vale a longa cita o:

Tomara Heidegger estivesse vivo para conhecer a dissemina o ou a populariza o da cibernética, que efetivamente começaram com a inven o do formidável e cartesiano mouse e desembocaram na figura dos chamados “sistemas operacionais” do tipo Windows, Macintosh ou Linux, todos guiados pela mesma lógica. O que aí temos não   senão a face disponibilizante da *Gestell*, num aperfeiçoamento multidimensional ainda insuficientemente pensado em sua singela nomea o como “virtual”. São, no fim, janelas dentro de janelas, escaninhos armazenados dentro de escaninhos, potencialmente acessíveis a toques de botões – não mais acionamento de alavancas –, botões que de tão et reos precisam simular aveludados *clicks*; botões que d o acesso a cardápios de botões, a janelas com botões, via de regra a programas inteiros, a ambientes inteiros, a mundos inteiros, instantaneamente, com precisão at mica, perfazendo o epítome da *Gestell*, com sua infinidade de estoques agilmente disponibilizados.

Toda essa instantaneidade, é claro, nutre-se de comandos incrivelmente rápidos, mega rápidos, sustentados por processadores sempre mais velozes, que operam em gigahertz ou quaisquer unidades sublimes que se lhes equivalham, contando com canais de escoamento sempre mais largos, com interfaces sempre mais inteligentes, com mais e mais disponibilidade de memórias dinâmicas capazes de alocar e gerenciar o tráfego no armazém para que nenhuns dados se percam ou mesmo se demorem, ocasionando esperas que, afinal, dizem os mais jovens, “ninguém merece”. Certo é que dessa gávea avista-se com notável clareza a face frenética da *Gestell*.

(...)

Tampouco é necessário aqui determo-nos em realizações cambiantes, sempre mais incríveis em sua velocidade e genialidade, do tipo Youtube, Google Street ou Sky View, para mostrar que o ciberespaço não está confinado ao ciberespaço, ou seja, que a alegoria do armazém, assim como a da caverna, está ao mesmo tempo em toda parte e em nenhum lugar; ou seja, para mostrar que a Gestell, como modo atual de ser dos entes em sua totalidade, convoca-nos a pensar, sobretudo, nos novos tempos e espaços em vigor na pátria dos estoques, tempos e espaços que nos tornam simultaneamente cosmopolitas e privados de pátria, como sinalizou Heidegger em nota à conferência de Bremen, ao falar exclamativamente de uma Heimatlose des Bestandes! (Heidegger, 2005, p. 27), algo como uma terra-de-ninguém das encomendas e dos estoques. (LYRA, 2014, pp. 7-8)

### Metafísica heideggeriana da linguagem

A vida de Heidegger com a chamada Era técnica não esconde certo sabor de melancolia nostálgica. O mundo agora anda rápido demais e não faz nenhuma pausa para nos esperar. Talvez não fosse descabido especular o quanto sua “crítica da era técnica” corresponde de alguma maneira à sua melancolia pós-45. De toda forma, não podemos ignorar que há na filosofia heideggeriana um certo traço de nostalgia: a história, afinal, é o movimento decadente de intensificação do esquecimento do Ser e redução da experiência humana ao nível do “ente”. Quando evoca o passado, a “origem” do pensamento [ocidental] na “era trágica dos gregos”, é para trazer à luz um tempo em que o ser se revelava como *physis*. Como sabemos, *physis* não é simplesmente “natureza”, mas o fundo misterioso, a força transbordante que faz o ente brotar e desabrochar, vindo à existência, o vigor imperante que faz com que os entes venham a ser e permaneçam existindo até que mergulhem novamente no abismo no não-ser.

Nesse sentido, embora tenha feito sua morada na “floresta negra” e utilize constantemente as “clareiras” que por lá encontra como metáfora para a “revelação do Ser”, não se deve imaginar que Heidegger esteja tomando partido da “natureza” contra a “tecnociência”. O que está em jogo para Heidegger é uma outra dimensão da existência, a mais fundamental para ele, aliás: *a linguagem*. Todos os termos-chave da filosofia heideggeriana, por mais que apresentados de forma hermética e algo obscura, se tornam

claros quando compreendemos que o cerne do seu pensamento é a linguagem, chegando a constituir, como procurarei demonstrar, uma *metafísica da linguagem*.

A “verdade do Ser” é a revelação do ente em seu *sentido* próprio. “Ser” se dá como misteriosa doação de sentido que o humano, essencialmente constituído pela *linguagem*, está em condições de compreender, acolher, guardar. A linguagem, de certa forma, “reúne” - e a “reunião” é o próprio sentido originário do *logos*, como nos lembra Heidegger – Ser, humano e ente, num jogo recíproco de doação, compreensão e aparição. A linguagem é a “casa do Ser”, morada compartilhada de Ser e humano, o habitante originário da linguagem.

“A linguagem é a casa do ser”: ao ser outorga vinda e presença, ao homem outorga demora e existência. Porque o ser não se pode manifestar, não pode vir e advir, quer dizer “ter lugar” no sentido próprio do termo, senão nesta casa que lhe é concedida pela linguagem: o ser não tem outra “morada” senão a palavra. E o homem, por seu lado, não pode demorar-se noutro lugar. Como sabia Hölderlin, o homem só “é” na medida em que habita, e só habita “poeticamente”, a saber: na palavra. Na casa da linguagem, homem e ser encontram a sua morada. Mas poucos homens sabem habitar, porque poucos conservam a memória do ser; e poucos conservam a memória do ser, porque muitos perdem o cuidado com a linguagem. Assim a casa vê-se desertada pelos seus guardiões. Os únicos dentre os homens, que realizam propriamente o que está destinado ao homem, são os que se consagram à tarefa de velar pela linguagem, quer dizer de velar para que a casa da linguagem se conserve o abrigo do ser. São os poetas e os pensadores. (ZARADER, 1998, p. 275)

A linguagem “mostra”, a linguagem “revela”, a linguagem “guarda”, ou, na mais famosa das fórmulas de Heidegger acerca do tema, a linguagem “fala”. “É na palavra, é na linguagem que as coisas chegam a ser e são” (HEIDEGGER, 1999, p. 44). Caso não “entendamos sempre o que 'ser' significa”, o que ocorreria?

*Já não haveria simplesmente linguagem alguma.* O ente já não se manifestaria, *como tal*, em palavras. Já não haveria nem quem nem o que se pudesse falar e dizer. Pois dizer e evocar o ente, como tal, inclui em si compreender de antemão o ente, como ente, i.é., o seu ser. Suposto que simplesmente não compreendêssemos o Ser, suposto que a palavra, “ser”, não tivesse nem mesmo aquela significa-

ção flutuante, então já não haveria nenhuma palavra. Nós mesmos nunca poderíamos ser *aqueles que falam*. Já não poderíamos ser aquilo que somos. Pois ser homem significa ser um ente que fala. O homem só pode ser aquele, que fala “sim” e “não”, por ser no fundo de sua Essencialização, um falante, o falante. É essa a sua grandeza e, ao mesmo tempo, a sua miséria. É o que o distingue da pedra, do vegetal, do animal, mas também dos deuses. Ainda que tivéssemos mil olhos e mil ouvidos, mil mãos e mil outros sentidos e órgãos, se, porém, a nossa Essencialização não consistisse no poder da linguagem, permanecer-nos-ia fechado e vendado todo o ente: o ente, que nós mesmos somos, não menos do que o ente, que nós mesmos não somos. (HEIDEGGER, 1999, p. 109)

O mais próprio do humano, aquele que “habita a linguagem” é o já sempre encontrar-se imerso em uma “pré-compreensão do ser” dos entes. De modo que sempre já sabemos o que os entes são, já sempre compreendemos o *sentido* dos entes, já sempre sabemos o que fazer ou não fazer com eles. O mais próprio do *dasein* é o sempre já encontrar-se no seio de uma “pré-compreensão do ser”:

Isso significa que o Ser mesmo é entendido sempre de modo determinado. Assim determinado, é-nos sempre manifesto. Toda compreensão, todavia, como uma espécie fundamental de manifestação tem que se mover sempre num determinado ângulo de visão (Blick-bahn). Uma coisa qualquer, por exemplo, um relógio, permanecer-nos-á oculto naquilo que é, enquanto previamente, não soubermos o que é o tempo, cálculo e medição do tempo. O ângulo visual da visão já deve estar antecipadamente aberto. Por isso o chamamos de ângulo de pré-visão (Vorblick'kbahn), a “perspectiva”. Destarte se mostrará que o Ser não apenas não é entendido de modo indeterminado como também que a compreensão determinada do Ser move-se em si mesma num ângulo de visão já pré-determinado.

O mover-se para lá e para cá, o deslizar e agitar-se nesse ângulo já se tornou parte de nossa carne e de nosso sangue, a ponto de nem o conhecermos, de nem mesmo o levarmos em consideração e entendermos a *questão sobre ele*. A submersão (para não dizer o estar perdido) na previsão e perspectiva que conduz e dirige toda a nossa compreensão do Ser – é tanto mais poderosa e, ao mesmo tempo, oculta, porquanto também os gregos não a esclareceram, como tal, e nem o podiam fazer por razões fundamentais (HEIDEGGER, 1999, p. 143)

Por isso só o humano tem “mundo”, pois “mundo” é um determinado horizonte de significações no interior do qual os “entes” já sempre apare-



cem como significativos. Também a “clareira” é outra forma de se referir a esse “horizonte significativo” no interior do qual os humanos já sempre se encontram.

O Ser não é um ente porque o Ser “se dá”, para Heidegger, como “misteriosa” doação de sentido que faz com que os entes sempre apareçam para nós como *significativos*. É nesse sentido que um tempo em que o Ser se revela como *physis*, enquanto fundo “misterioso” a partir do qual os entes “aparecem” num horizonte de significação como *sendo* algo para nós, constituiria um tempo de mínimo “esquecimento do Ser”. Quanto mais se “entifica” esse “fundo misterioso”, procurando-se apreendê-lo e apresentá-lo a cada vez como “ideia”, “Deus” ou como “objeto” para um “sujeito”, intensifica-se o processo de “esquecimento do Ser” - o esquecimento desse fundo misterioso doador de sentido e a consequente lida cada vez mais restrita ao âmbito do “ente”.

A Era técnica é o momento de máximo esquecimento do Ser, pois apagando inteiramente em nossa “memória” a diferença entre Ser e ente, nossa experiência do mundo torna-se “superficial”. O que há é uma redução da nossa experiência existencial à lida com o ente como puro fundo de reserva para a exploração calculada. Só há o nível superficial dos entes e todos os entes são manipuláveis e exploráveis segundo projetos calculados e calculáveis de produção, consumo, lucro etc. De um modo tal que o “fundo” doador de sentido resta inteiramente “esquecido”.

Ora, ao pensar a linguagem como “dado” - no duplo sentido de estar sempre “dada” enquanto tal para o ser humano e no ser “doação misteriosa” - Heidegger constrói sua obra em torno de uma metafísica da linguagem. Afinal, o processo de “doação” da linguagem não é tão “misterioso” como Heidegger faz parecer. Como nos lembra Peter Sloterdijk:

Existe uma história – resolutamente ignorada por Heidegger – da saída dos seres humanos para a clareira: uma história social da tangibilidade do ser humano pela questão do ser e uma movimentação histórica no escancaramento da diferença ontológica (...)

A história real da clareira – da qual deve partir qualquer reflexão aprofundada do ser humano que pretenda ir além do humanismo – consiste portanto de duas narrativas maiores que convergem em uma perspectiva comum, a saber, a explicação de como o animal *sapiens* se torna o

humano *sapiens*. A primeira delas dá conta da aventura da hominização. Ela narra como nos longos períodos da história pre humana primitiva surgiu do mamífero vivíparo humano um gênero de criaturas de nascimento prematuro que – se pudéssemos falar de forma tão paradoxal – saíram para seus ambientes com um excesso crescente de inacabamento animal (SLOTERDIJK, 2000, pp. 32-33).

A segunda, dirá Sloterdijk, deverá tratar do processo de sedentarização – quando há cerca de 10 mil anos a Revolução Agrícola estabeleceu muitas das bases do que consideramos ainda hoje o “ser humano”. Nos arredores dos campos de cultivo ergueram-se moradias, delimitando um espaço próprio e permanente para pessoas ou grupos rodeadas de utensílios agora seus – o germe de qualquer noção posterior de “propriedade”. Com a domesticação dos animais e a descoberta de que um tipo específico de relação sexual gera reprodução, incia-se um processo de aprisionamento das mulheres por machos ciumentos em “suas casas” para garantir que os filhos daquela mãe fossem os filhos daquele pai – o protótipo das noções posteriores de “família”. Os excedentes da produção agrícola, sob os cuidados das elites políticas e religiosas em formação, vão escavando o fosso da desigualdade material entre os humanos. Em torno dos campos cultiváveis é preciso construir cercas para proteger a plantação e os excedentes de invasores externos – é o protótipo das nossas “cidades”. Essas cercas precisam ser guardadas e vigiadas por soldados, surgindo assim os primeiros exércitos. Proliferam no interior dessas fronteiras os mitos compartilhados que solidificarão os vínculos entre um “nós” que pertencemos a esta comunidade, bem como proliferam noções cada vez mais abstratas de um “outro”, dos muitos “outros” que, vindos de fora, podem ser ameaçadores<sup>3</sup>.

O fato é que, com as ferramentas teóricas e as pesquisas de que hoje dispomos nos campos da história, da antropologia e da biologia soa bastante estranho fazer da linguagem uma “doação misteriosa”. Há todo um processo de “instalação” de formações linguísticas no animal humano e todo um processo histórico de desenvolvimento de significações. Além do mais, podemos ainda observar que, a cada chegada ao mundo de um novo rebento da espécie, é preciso empregar todo um arsenal de *técnicas* para que nele se

---

<sup>3</sup> Ambos os processos são bem descritos no *Sapiens* de Yuval Harari – HARARI, Yuval. *Sapiens*. LePM: Porto Alegre, 2019

instale e se desenvolva esse complexo aparato de símbolos, significações e ferramentas de comunicação que costumamos chamar “linguagem”.

### A psicanálise de MD Magno

Com esse sobrevoo histórico de longo alcance que destrói a premissa heideggeriana (no melhor sentido de uma “*destruktion* da metafísica”), deslocam-se – ou borram-se gravemente – as fronteiras entre humano e animal, natureza e cultura, *physis* e *techné*, o que exige que recoloquemos a “questão da técnica” e a “questão da natureza” em outros termos.

Para nos auxiliar nessa empreitada recorreremos à obra do psicanalista MD Magno, que tem a *techne*, ou melhor, sua tradução latina *ars*, como noção fundamental.

MD Magno é autor de uma vasta obra, ainda em pleno desenvolvimento. Em 1975, respondendo a um contra-convite de Lacan, visita Paris, onde fará contatos importantes que viabilizarão seu retorno, desta vez para oferecer dois cursos simultâneos no Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII. Ambos os cursos tinham como proposta uma leitura psicanalítica da arte, ou uma leitura da arte como experiência psicanalítica, o que já se deixa entrever nos títulos: “Poética e Psicanálise (da obra de arte – Senso contra Senso)” e “A terceira margem da língua (estudos analíticos de literatura brasileira)”, este último dedicado à obra do escritor brasileiro Guimarães Rosa. (MEDEIROS, 2015)

Desde seu primeiro retorno ao Brasil, Magno iniciou uma série de Seminários com o intuito de difundir a obra de Lacan no país, sem perder de vista o objetivo maior de uma apropriação criativa que, partindo dos sintomas culturais brasileiros, pudesse, num movimento de mão dupla, ressignificar brasileiromente a psicanálise, mas também proporcionar uma intervenção psicanalítica sobre os sintomas nacionais. Com esse propósito, de 76 a 80 realizou os Seminários *Senso contra senso; Marcel Duchamp/ Marchand du sel; Os quatro discursos; O pato lógico; e Acesso à lida de Fi-Menina*. A partir de 81, com o seminário *Psicanálise e Polética* e ainda mais intensamente a partir de 82, com o seminário *A Música*, Magno passou a desenvolver com mais profundidade uma apropriação “heterofágica” da obra

de Lacan, articulando saberes de diversos campos – Ciência, Filosofia, Educação, Arte – na construção de uma obra própria: a Nova Psicanálise ou NovaMente.

Em seu Seminário 11, Lacan havia definido os quatro conceitos fundamentais da psicanálise como *Inconsciente*, *Repetição*, *Transferência* e *Pulsão* (LACAN, 2008). Destes, Magno toma apenas um como conceito fundamental da Nova Psicanálise: o conceito de Pulsão. A Pulsão – não raramente traduzida por Magno como *Tesão* – se expressa pela formulação minimalista “*Haver-desejo-de-Não-Haver*”.

Na didática descrição presente em *Os instintos e seus destinos (As pulsões e suas vicissitudes*, a depender da tradução), Freud apresenta o conceito de pulsão como 1. “estímulo interno”: intrínseco ao aparelho psíquico e, de certa forma, inescapável, já que não se pode recorrer a algum tipo de fuga ou evitação que se usa contra estímulos externos. 2. que impacta o psiquismo com uma “força constante”. Isso importa para compreendermos que não há “mais pulsão” numa forma de vida do que em qualquer outra. É a mesma força pulsional que leva o monge ao seu retiro espiritual, o alcoólatra a tomar mais uma dose, o *workaholic* a virar mais uma noite. Também significa que um recalque ou repressão não anulam a força pulsional, nem fazem com que ela se mantenha em sossegado repouso. Sendo força constante, diante de um recalque ou repressão a pulsão buscará vias alternativas de satisfação (ponto chave da psicanálise freudiana. 3. cujo único alvo é a própria satisfação. Logo, sem marcações morais de saída. 4. tendo “objetos” infinitamente variáveis. A pulsão não vem com um “objeto” ou uma forma de gozar pré-definidos. Os objetos de desejo são apenas meios para atingir seu fim – a própria satisfação. São de certa forma gozos substitutivos do gozo absoluto desejado e, portanto, são até certo ponto intercambiáveis. (FREUD, 2010, pp. 33-36)

Freud mantém, no entanto, ao longo de toda a sua obra, dualismos pulsionais que operariam no nível mais fundamental da mente. Primeiro, as pulsões fundamentais seriam as sexuais (que buscam prazer) e as do eu ou de autoconservação (que investem na conservação do próprio eu). Mas este primeiro dualismo é complicado pela descoberta, em 1915, de que o *narcisismo* condensa em si ao mesmo tempo o investimento de pulsões sexuais

sobre o próprio *eu* e os movimentos que resultam na chamada “autoconservação”. Isso leva à reformulação da teoria pulsional, resultando no novo dualismo pulsional de base entre pulsões de vida e pulsões de morte no *Além do princípio do prazer*, de 1920. Enquanto as pulsões de morte trabalhariam para reconduzir toda composição orgânica à quietude nirvânica do inorgânico, as pulsões de vida trabalhariam para construir sistemas cada vez maiores e mais complexos (FREUD, 2010b).

Lacan, discípulo e mestre da “virada linguística”, traduz a pulsão como movimento do *desejo* na busca incessante da proliferação simbólica para recobrir a falta originária, estrutural, *real*, impreenchível, que constitui (ao mesmo tempo em que destitui), qualquer sujeito falante. (MAGNO, 1986, pp. 22-23)

Na formulação mais *clean* e minimalista de MD Magno, a Pulsão é “Haver-desejo-de-não-Haver”. Isso resolve os dualismos freudianos num monismo pulsional de base. Afinal, se o único objetivo de toda pulsão é a própria satisfação, de certa forma, toda pulsão é “de morte”. Pois, para um movimento desejante, satisfação significa, de certa maneira, *morte*: cessação completa da tensão desejante e conversão total em gozo. Além do mais, se os “objetos”, como diz Freud, são infinitamente variáveis, não precisamos supor mais do que uma única pulsão fundamental que, desejando a própria satisfação absoluta, deseja não-Haver. Por isso, a Pulsão que há é sempre necessariamente “de morte”, o que nos autoriza inclusive a prescindir do complemento. “Se reduzo todo o pensamento a respeito da pulsão a um único conceito, ao conceito de Pulsão de Morte” é possível mesmo eliminar “a palavra 'morte', já que posso dizer que a morte não há, não há como atingi-la”. Ficamos, assim, com a “pura Pulsão entendida como Haver desejo de não-Haver” (MAGNO, 2015, p. 168).

Com essa formulação a abrangência pulsional é também alargada, tanto em relação a Freud quanto – muito mais – em relação a Lacan. A Pulsão não se manifesta somente no ser-falante enquanto ser-faltante, nem mesmo apenas na totalidade da vida orgânica. Na concepção de Magno, a Pulsão atua em nível *cosmológico*, co-move o Haver por inteiro, arrasta tudo que há. Haver-desejo-de-não-Haver enuncia também, assim, o movimento do próprio Haver (que é mais abrangente que o “universo”, já que pode *ha-*

ver mais de um universo). O Haver, co-movido pela Pulsão, busca sua simetria absoluta, o não-Haver. A Pulsão, co-movendo o haver, busca sua satisfação absoluta, seu gozo absoluto, o puro não-Haver. Mas não-Haver, como o nome já diz, é o que não há nem pode haver sob nenhuma combinação possível de circunstâncias. Não-Haver é o Impossível Absoluto. Por isso se diz que a Pulsão que há é desejo de Impossível:

Pelo menos em termos de nossa espécie, se não, do universo, há um movimento desejante, um movimento de tesaõ, que quer o que? Simplesmente sumir! Quer morrer de gozar, quer gozar para sempre, quer um gozo absoluto, último e definitivo! Mas, já que não tem Isso, aquilo menor serve, por enquanto. (...) Todos os tesões que existem por aí são na verdade tesões em algo que é impossível porque simplesmente não existe. Estamos submetidos a um movimento de desejo por algo que jamais vai se oferecer, pois a máquina funciona assim. Ela só funciona se quiser o Impossível. (MAGNO, 2004, pp. 22-23)

Porque o Haver há e não pode não-haver, a Pulsão está irremediavelmente condenada a uma *quebra de simetria*, um *recalque originário* no choque inevitável com o Impossível.

Se há desejo de não-Haver, e não há desejo de Haver, e se o não-Haver não há, desejaremos o Impossível. E quando desejo esse impossível absoluto, que jamais será conseguido, quebro a cara e retorno. O que aconteceu? O recalque originário, que é o fato de que o não-Haver não há. Então, se o não-Haver não há, o Haver (...) é o resultado de um movimento de decepção diante de algo que nunca houve nem nunca haverá. (MAGNO, 2015, p. 168)

Mas, como seria possível desejar o impossível? Como seria possível desejar o que não-há? Já se inscreve necessariamente nessa formulação o caráter intrinsecamente *alucinatorio* da Pulsão fundamental. No lugar do Impossível a Pulsão, máquina alucinatoria, projeta fantasias, possibilidades alucinatorias de satisfação absoluta. Não-haver é a alucinação fundamental do Haver.

fora do impulso alucinatorio, que costumamos chamar de Pulsão, não é possível pensar uma economia psíquica ou qualquer outra. Começa-se daí e isto já é o bastante para entender nossa loucura, nosso corre-corre atrás do quê? De uma alucinação, que, no entanto, não vai sossegar só

porque queremos. A alucinação está lá como (e na) estrutura: a estrutura alucina, empurra, empuxa, impulsiona nesse sentido. (MAGNO, 2010, p. 21)

Há, portanto, uma alucinação estrutural, de base, que impulsiona o movimento do Haver. Aqui, ao contrário de Lacan, não se trata de alguma falta estrutural que se trata de preencher. A Pulsão como “impulso alucinatório” é essencialmente excessiva, produz alucinatoriamente o além do que há e segue eternamente nessa busca Impossível.

É importante ressaltar que Haver se diz aqui em dois sentidos: por um lado, é tudo que há: qualquer dado que classifiquemos como físico ou mental, natural ou cultural, real ou imaginário, seja desse ou qualquer outro universo, é algo que simplesmente há. Na descrição de Aristides Alonso:

o Haver (forma substantivada) é concebido, em sentido cosmológico, como conjunto aberto do que HÁ – o que se chama universo ou multiverso, por exemplo –, em qualquer forma e disponibilidade com que se apresente. O que quer que haja, materialmente dado ou ficcionalmente construído, real ou virtual, manifesto ou latente, faz parte do Haver e suas possibilidades de mutações. Nele não há “fora”, o que quer que haja lhe pertence e isso que há se constitui como Um, único e singular. Mas esse Haver não é estático ou imóvel. Suas conformações estão em permanente agonística e metamorfose, pois o Haver é “movimento desejante puro: tudo o que deseja é não-Haver” (Magno, *Arte e fato*, v. 1, p. 89). (ALONSO, 2010, p. 13)

Por outro lado, refere-se à experiência traumática e extática de cada Um haver – e não poder não-haver. Experiência silenciosa e estrondosa de máxima solidão e comunhão, de máxima angústia e liberdade, muito bem expressa por Nelma Medeiros no seguinte trecho:

a experiência de Haver é não-tética, pois não provém de uma decisão ou posição de si. Parafraseando Samuel Beckett, em *Fim de Partida*: “Você há; não há cura para isso”. Somos acometidos de mal-estar, sendo dado o saber absoluto de solidão, do derrisório e desamparo sem alibi, trauma cru e obsceno de Haver, saber Único, de cada Um, que faz mover o mundo, no sentido de cada Um se virar para conviver e entender (tarefa impossível) sua condenação. Somos transeuntes carregados pelo mal-estar, que é fato, e, enquanto tal, alheio às vontades que lhe são favoráveis ou lhe fazem resistência. (MEDEIROS, 2008, pp. 2-3)

Inscribe-se neste ponto uma diferença abissal – lógica, ontológica, gnoseológica – entre o nível do Haver e o nível do Ser. A experiência de Haver é puro trauma, ou puro êxtase. Impossível de dizer, de explicar, de simbolizar, de representar e de expressar satisfatoriamente, a experiência de Haver produz a proliferação simbólica, artística, científica, religiosa, filosófica e cotidiana no nível do Ser. Passaremos a vida, por todos os meios possíveis, tentando dizer – dar conta, explicar, expressar – o que *é* ou como *é* o Haver. Mas toda a nossa falação ficará restrita ao nível do Ser, jamais conseguindo recobrir por inteiro a experiência de Haver.

Os dois sentidos de “Haver” nesta teoria correspondem aos dois níveis de atuação da Pulsão. A Pulsão, como dissemos, co-move o Haver por inteiro, requisitando seu avesso impossível: não-Haver. Diante da inevitável quebra de simetria o Haver retorna sobre si mesmo em ciclos intermináveis de expansão e contração. Esta hipótese acompanha as vertentes da cosmologia contemporânea para as quais o nosso *big bang* seria apenas um dos momentos de expansão do universo que, chegando a um limite insustentável, iniciaria um novo movimento de contração. É a hipótese de um universo eterno, sem início ou fim (pois, o que poderia vir “antes” do Haver? O que poderia vir “depois” do Haver? Se não-Haver não há...) que alterna ciclos de expansão e contração (teoria física conhecida como *Big Bounce* ou *Bang Bang Bang*).

Há cerca de cem mil anos, por algum acaso ou necessidade, replicou-se nessa nossa espécie autointitulada “*sapiens*” a competência – a exigência e a possibilidade – do avessamento. Instalou-se em nós essa máquina revirante cujo *modus operandi* é exigir o avesso do que quer que se apresente. Em última instância essa mente revirante exige o avesso do Haver por inteiro, deseja não-Haver – eis o segundo nível de atuação da Pulsão. Para não recair nas definições mais tradicionais de que em geral se faz acompanhar a “espécie humana” - razão, consciência, moralidade, responsabilidade etc. - Magno prefere chamar esta espécie de *Idioformação*: uma formação que replica o modo de funcionamento do Haver, isto é, replica sua requisição de avessamento radical.



A Lei, Alei como chamo, “Haver desejo de não-Haver” é supostamente para todo o Haver, mas não para as formações do Haver. Adoto a suposição de certa cosmologia contemporânea de que, no movimento suposto de entropia, a coisa vai chegar ao momento em que a resultante do Big Bang acabará em Big Crunch. Então, o Haver por inteiro, de algum modo, é catóptrico e, de algum modo, funciona dentro da Lei de última instância. Este não é o caso das formações do Haver. As IdioFormações são a única formação do Haver que herdou esse movimento. (MAGNO, 2021, pp. 258-259)

Nossa condenação e nossa bênção é sermos portadores – portarmos as dores e os prazeres – do *Revirão*. Para a mente dessa nossa espécie – único caso conhecido, mas não o único caso possível de Idioformação - “para o que quer que lhe seja colocado, o contrário também é pensável, ou também é exigível” (MAGNO, 2004, p. 26). Essencialmente catóptricas, nossas mentes se estruturam como um espelho cuja funcionalidade vai muito além do mero “especular”. A mente é um “espelho radical que vira tudo pelo avesso” (MAGNO, 2015, p. 169).

Estruturada como uma banda de Möbius, a mente-espelho apresenta algumas peculiaridades que resultam para nós em uma proliferação de formas de gozo e sofrimento. A banda de Möbius é unilátera. Como o Haver, que tendo apenas um lado, é, no nível mais fundamental, absolutamente unário e homogêneo. Pode-se supor, portanto, na mente, um nível pré-opositivo, de radical indiferenciação. Ao mesmo tempo, a requisição pulsional de avessamento sofre de uma quebra de simetria básica, fundamental, um recalque originário que reverbera no campo do Haver instaurando múltiplos recalques que dividem, fazem dualidade, binarismo, dois alelos, sendo que a força recalcante frequentemente fará comparecer apenas um dos alelos, enquanto o outro permanecerá, para usar um termo de Freud, “proliferando no escuro” e forçando caminhos alternativos de expressão. É curioso notar que nossa experiência ao tentar percorrer uma banda de Möbius com os dedos, ou mesmo ao observar a Möbius Strip II de Escher, temos a nítida impressão de que ou se está de um lado, ou do outro.

Porém, levando ainda a sério a metáfora da banda, teremos de considerar que talvez o brilho e-terno dessa mente revirante seja essa disponibilidade terceira, indiferenciante de qualquer oposição e binarismo. Afinal, se a

banda de Möbius tem apenas um lado, se o Haver é, afinal, apenas um e o mesmo, por mais que as fractalizações e fixões recalcantes nos apresentem divisões, binarismos e oposições, há certamente entre elas alguma “nota comum” (MAGNO, 2007, p. 119), um ponto de passagem e suspensão das diferenças, um ponto *bífido*.

É essa competência ternária da mente que provoca tanta angústia e sofrimento diante dos impossíveis – o absoluto impossível da quebra de simetria originária e os impossíveis modais das divisões e binarismos recalcantes. Eis a condenação. E é também ela que possibilita a indiferenciação de qualquer oposição dada, a suspensão de quaisquer valores supostos (ou impostos), a incansável rebeldia da espécie contra o estabelecido e a consequente proliferação artística – arteira, artificiosa, articulatória – que povoa o nosso mundo com criações artísticas e tecnológicas. Eis a bênção.

Em última instância, a vocação “catóptrica”<sup>4</sup> do Revirão exige o avessamento do Haver por inteiro em seu oposto impossível: não-Haver. As Idioformações, porque portadoras do Revirão, estão condenadas à co-moção pelo desejo impossível de não-Haver, mas dispõem também de uma virtualmente infinita gama de recursos e possibilidades de articulação, superação de limitações e gozo.

## Formações

Lacan falava nas “formações do inconsciente” (1999): sonhos, atos falhos, chistes, sintomas. A partir de 1989, Magno propõe a investigação das possíveis analogias entre as “formações do inconsciente” e as “formações do Haver” (MAGNO, 1992, p. 16), dando início a uma elaboração mais concreta daquilo que em 2005 viria a nomear como *Teoria das Formações*. Em 1994, no *Velut Luna*, estará buscando “eliminar” a “diferença entre o tal simbólico e as formações do Haver” (MAGNO, 2008c, p. 148) e em 1995, no *Arte e Psicanálise*, a teoria já tem seu aspecto mais fundamental bem enunciado: “O que quer que se forme, que se parciarize na fractalidade do Haver, chamo formação do Haver. Seja isto da ordem de um ser vivo, de

---

<sup>4</sup> Do grego *Katoptron*, espelho.

uma formação psíquica, orográfica, qualquer coisa” (MAGNO, 2008b, p. 48). O que quer que haja é *formação do Haver*.

A Nova Psicanálise insiste, repete à exaustão, que *o que quer que haja comparece como formação*. (...) Por formação entende-se toda e qualquer forma, ordenação, articulação ou estrutura que há, das partículas e anti-partículas a uma ordenação simbólica (humana) qualquer, do código genético e dos ecossistemas vivos a todo tipo de técnica, língua, conhecimento ou arte. Ou ainda, toda e qualquer forma comparecente como matéria, vida ou artefato, para usar os termos das teorias da complexidade e da auto-organização (MEDEIROS, 2008, p. 4)

Considerar tudo que há como *formação* é uma estratégia teórica de generalização que escapa às classificações binárias habituais da tradição ocidental – natural x cultural, fictício x real, mental x físico etc. – as quais têm sua serventia, mas conforme se cristalizam, podem emperrar o pensamento. Trata-se também de uma importante estratégia para pensar as *diferenças* que se observa e experimenta no *mesmo* Haver em que tudo há. Mas, como pode o *mesmo* Haver apresentar formações tão diferentes? Como podem tantas formações tão diferentes emergirem no mesmo Haver? A hipótese de Magno é que a *quebra de simetria*, no choque entre Haver e não-Haver ressoa e reverbera por dentro do Haver produzindo replicações fractais do Haver que coagulam e passam a resistir e insistir na sua diferença.

É como se ela [a Quebra de Simetria] estilhaçasse o Haver e ele começasse a repeti-la em seu interior e, portanto, começam a aparecer as diferenças, a enorme quantidade de *formações*. E isso, depois, implodindo, outra vez, vai tentar ir pra seu lugar de não-Haver, de desejar não-Haver, não conseguir, espatifar-se, retornar, etc., etc., e assim desde sempre e para sempre. (...)

Assim sendo, o que quer que haja, de qualquer índole, de qualquer nível, de qualquer porte, é *uma formação do Haver*. Isto é bom porque *generaliza* nossa nomenclatura. O que quer que compareça é uma formação do Haver, dos mais diversos tipos: psíquica, material, de fato. Tudo pertence ao Haver, nada há fora dele. O interessante é que, na concepção desta psicanálise, qualquer formação, pelo simples fato de ser uma formação e portanto, ter limites e ser diferente de outras formações – se estrutura e se organiza como o que chamamos de sintoma. Isto porque é limitada, tem resistência e é mais ou menos paralisada (...). (MAGNO, 2015, p. 198)

Reverberações do mesmo Haver, as formações não são entes “em si”, não são átomos ou indivíduos existentes em si e por si mesmos de maneira independente e autossuficiente. Cada formação já é resultante da composição e da articulação de muitas outras formações. Aproveitando os achados de campos teóricos como cibernética, teoria geral dos sistemas, complexidade, autopoiese e caos, Magno apresenta o Haver como uma grande *rede* ou *maranha* de formações em que, como nas *drawing hands* de Escher - “uma mão que desenha a mão que a desenha” (MAGNO, 2010, p. 101) - as formações produzem a grande rede de formações que produz as formações.

Consideramos também qualquer formação do Haver, de qualquer tipo, como: uma articulação de outras formações, formações de formações de formações... Até chegar onde a homogeneidade se encontra: onde, em última instância, tudo é a mesma coisa, tudo é O Mesmo. (MAGNO, 2015, p. 198)

## ART

A Teoria das Formações é um artifício teórico consentâneo com um pensamento que aposta na homogeneidade de última instância do Haver. Ao promover a indiferenciação entre marcações binárias muito fortes em nossa fatia Ocidental, que insistem na rígida distinção entre natureza e cultura, natureza e artifício, a Teoria das formações estabelece as bases para um *artificialismo total*.

A noção de *techne* na proliferação de significações do radical *art* em sua tradução latina: “artifício, artificial, artificialismo, artista, artefato e, sobretudo, articulação” (ITALO et al., 2006, p. 4) é fundamental no pensamento de Magno. Em seu Seminário de 1989 Magno indica que a grande novidade trazida por Freud foi “posturar-se de maneira absolutamente antinaturalista, ou melhor dito, de maneira radicalmente artificialista” (MAGNO, 1992, p. 132). Magno chega a afirmar que

É impossível adequar-se ao campo estrito da visão psicanalítica co, qualquer resquício naturalista na cabeça, o que, em última instância, significa: com qualquer resquício humanista. Sem o entendimento de que há alguma

coisa (...) que funciona e que produz seus efeitos à revelia de qualquer eixo fundamentalmente dado, se não pensarmos assim, não estamos no campo da psicanálise. Não há nenhuma co-naturalidade a coisa alguma” (MAGNO, 1992, p. 135)

Os dois níveis de funcionamento da Pulsão – o Haver e a Pessoa – enunciam os dois níveis possíveis de produção *artística e articulatória*. Em nível “cosmológico” o Haver pulsional se depara com o Impossível e com o evento da *Quebra de Simetria* retorna estilhaçando-se e produzindo *articulações* originais. Assim, o que em geral chamamos de “natureza” ou de “dados naturais” podem ser simplesmente pensados como *artifícios espontâneos*. Articulações produzidas pelo *Revirão* do Haver, mas que não precisam passar pelo *revirão* instalado na mente humana.

Nossa espécie é composta por um nível de artifícios espontâneos, nossa composição chamada *primária*, isto é, o *autosoma* e o *etosoma* como programações biologicamente mapeáveis. Mas desenvolveu-se nesse primário uma função de *reviramento* – chamada *originária* – capaz de subverter as programações primárias. Essa função originária de reviramento pede *mais*, pede o avesso do que é posto, pede mais desse corpo, pede mais do que os artifícios espontâneos disponíveis no mundo. Assim, essa função originária de reviramento que encarna o nível de operação pulsional da *pessoa* produz artificialmente aparatos tecnológicos, obras artísticas, ideias, conceitos, valores, significações, vestimentas, meios de transporte, deuses, anjos, demônios, redes de computadores, artigos acadêmicos etc. Pedindo *mais* do primário e dos artifícios espontâneos o *originário* instalado na espécie produz o vasto campo do *artifício industrial*, o vasto campo das formações *secundárias* – que se costuma chamar “culturais”, “simbólicas” etc.

Para mim, o que quer que haja é artifício. Distingo artifícios naturais, ou seja, dados espontaneamente, e artifícios industriais, produzidos pelo homem, com a sua “mãozinha”. Uma árvore é um artifício dado. Não tenho dúvida de que a insistência, mesmo na sua impotência, do saber, da artificiosidade humana em querer penetrar na construção de uma árvore, possa, um dia, vir a fabricar uma árvore por vias artificiosas. O mistério, o “misticismo”, em torno da natureza é absolutamente boçal. Não é da nossa espécie cultivar um mistério que não passa de ser a própria ignorância. O que é típico nosso é perguntar: será que há mesmo mistério? Será que, se formos penetrando

aí e pesquisando, não descobriremos com que artifício a natureza se produz? Tanto é que insistimos e investimos rios de dinheiro na produção artificiosa de dominância sobre a naturalidade do corpo, no caso da medicina, do uso de remédios, dos processos de longevidade, de cura, etc. (MAGNO, 2001, pp. 43-44)

Em lugar dos “mistérios da natureza” entra em cena a ignorância quanto ao modo de funcionamento dos artificios. Em lugar do respeito temeroso aos mistérios da natureza, entra em cena a investigação e a produção tecnocientíficas consonantes com a onivoracidade de uma mente pulsional.

### “Nenhum Deus poderá nos salvar”

Com essas indicações algumas classificações binárias típicas da racionalidade ocidental se tornam bastante problemáticas. A generalização da noção de *artificio* bagunça seriamente as fronteiras entre natureza e cultura, *physis e techne*.

Eliminando as diferenças radicais entre Natureza e Cultura ou qualquer tipo de manifestação humana, costume dizer que tudo é artifício. Há artificios espontâneos, ou naturais, e artificios industriais – o que é quase uma redundância sobre o termo, pois são os artificios produzidos pelos homens. Então (...) quero falar da solércia do Haver como tal, o que chamo de artifício espontâneo, e da solércia do Homem, esta espécie esquisita que é a nossa, capaz de artifício industrial. (MAGNO, 2008b, p. 154)

Fundamental aqui é que se entenda que a *articulação*, em qualquer nível, é um processo *sem sujeito, sem dono*, sem nenhum “deus” ou “humano” no controle. É preciso

recusar-se a fazer reverência ao mito, à ideologia ou coisa que o valha, da existência de uma Natureza. A crença disto é o que faz com que suponhamos que há algo de intocável na realidade externa que é o creme do creme, a essencialidade natural do mundo ou a co-naturalidade do Universo com um certo Deus absolutamente consciente, onipotente, onipresente etc. (MAGNO, 1992, p. 132)

Se tudo é artifício nenhum “sagrado” ou “intocável” pode ser imposto com o pretexto de ser “natural”. Nenhuma forma de expressão da sexualidade ou da afetividade, por exemplo, podem ser consideradas “as naturais” em oposição a outras. Segundo a regência pulsional do movimento, toda se-

xualidade é artificiosa e artificial. Também nenhum “papel social” ou forma de vida podem realmente valer como simplesmente “naturais”.

*Physis*, em seu sentido original de força e vigor imperante que faz com que as coisas venham a ser e permaneçam sendo até que enfim se desintegram passa a ser pensada como *força constante* da Pulsão, só que com vetor contrário: enquanto a *physis* traz os “entes” à vida e à existência, a pulsão como força entrópica os arrasta em direção à destruição. Como no nível do Haver a destruição total – que equivaleria ao gozo total – é absolutamente impossível, há *quebra de simetria* e retorno que produz articulatoriamente formações espontâneas que resistirão por maior ou menor tempo ao empuxo pulsional-entrópico de destruição.

A Nova Psicanálise toma ALEI como constitucional da *physis*, (...) Quando digo que está escrito no Haver que ALEI é Haver desejo de não-Haver, estou dizendo descaradamente que faço a suposição de que, partindo do achado freudiano da Pulsão de Morte, visto pela física de sua época como lei de entropia, revisto pela física e a cosmologia de nossa época como processo de ida e volta, de inflação e deflação, digamos até de eterno retorno do Haver sobre si mesmo, o discurso da Nova Psicanálise parte do pressuposto de que a ALEI é do Haver. (MAGNO, 2005, p. 319)

Nesse sentido o próprio da *physis* é ser *artificiosa*. A pulsão articula e produz artifício. Assim, o que há de *natural* é o *artifício*. No nível de produção artificiosa que passa pelo *revirão* instalado na mente da *pessoa*, o nível de produção do artifício industrial, o que não há é *sujeito humano* que esteja no controle do processo. Há apenas *transa* entre formações primárias, espontâneas e eventualmente secundárias com a formação *Revirão* instalada em nossas mentes – essa formação que exige “mais”, “além” e o “avesso” do que quer que lhe seja posto ou dado. Nesse sentido, é “natural” que haja produção “artificial”.

A própria produção de artifícios industriais, aliás, depende e corresponde em alguma medida às formações primárias que nos constituem e às formações espontâneas que nos rodeiam. Um arco e flecha é construído como *prótese* para ampliar os poderes dessas mãos e desses braços a fim de caçar animais de um determinado porte. Um barco é construído para acomodar uma estrutura vertebrada típica da espécie e navegá-la através de imensi-

dões aquáticas com as quais se depara. Não há ninguém no controle desse processo artificial. Trata-se de formações primárias, espontâneas e secundárias em transa com uma formação originária que delas exige pulsionalmente *mais* e nesse exigir mais *articula artificialmente* novas produções secundárias.

A própria *linguagem* não é, nesse sentido, o “essencial” da espécie, como queria Heidegger. Linguagem é uma produção protética secundária. Linguagem é *prótese* secundária com lastro primário que se torna ferramenta para uma espécie *revirante*. Linguagem prolifera possibilidades de produção artificial – de comunicação, coordenação de comportamentos, leitura e descrição perspectiva do mundo, invenção e descrição de mundos e entidades “além” dos espontaneamente dados etc. Além disso, como toda ferramenta, a linguagem proporciona muitas *disponibilidades*, mas também produz tantas outras *limitações* que os poetas não cessarão de tentar subverter. Não há “inocência” na linguagem. Não se trata de “guardar o mistério do ser” ou “agradecer” à sua “doação misteriosa”. Perguntar “por que” é busca de fundamento, perguntar “o que é” é busca de identidade, perguntar “como funciona” é busca de controle. Fundamento, identidade, controle significam estabilidade, segurança, poder – fantasias pulsionais recorrentes da espécie. A linguagem é produzida e regida pelo movimento pulsional.

A *pessoa* se diferencia do animal pela emergência do *revirão*. Desde então, para esta espécie, a mera programação biológica já não é o bastante. Ela é condenada e abençoada a esse incessante “mais-querer” que a função-revirão lhe proporciona. É essa estranha função que faz do *sapiens* um animal com capacidades tecnológicas e imaginativas muito superiores às dos demais animais, mas é também a mesma função que o faz um animal atormentado, oscilante entre a frustração e o tédio, como diria Schopenhauer, ou simplesmente cheio de loucuras que o tornam “interessante”, como diria Nietzsche.

Em uma de suas últimas entrevistas, lamentando o avanço irrefreável da tecnociência, Heidegger diz a famosa frase “Só um Deus poderá nos salvar”. Talvez fosse tempo de encararmos o justo contrário. Uma mente pulsional requisita “mais”. É “naturalmente” excessiva. Requisita mais e mais artifícios que possam lhe proporcionar mais e mais prazeres e poderes.



E isso sem que haja nenhum “sujeito racional e consciente” no controle do processo.

A produção tecnológica não é fruto da escolha de um sujeito racional e consciente que pudesse “freá-la” ou “acelerá-la” a seu bel-prazer. A proliferação tecnológica é simplesmente efeito da transa de formações de todo tipo com uma mente pulsional que não cessa de exigir “mais”, “além”. Porém, como nos lembra a psicanálise, o último “mais”, o último “além”, o gozo absoluto desejado e fantasiado pela pulsão é absolutamente impossível. Por isso, quanto mais produção tecnocientífica, mais possibilidades ganhamos por algum lado, enquanto criamos novos problemas e limitações por outros. A mesma proliferação tecnológica que nos põe em contato com animais selvagens e nos infecta com um vírus para o qual não temos imunidade, produz vacinas numa velocidade que nossos antepassados não poderiam sequer sonhar. A mesma proliferação tecnológica que nos aprisiona em *time-lines* infinitas alimentando bancos de dados algorítmicos que serão utilizados para fins políticos e econômicos proporciona trocas, encontros e descobertas até pouco tempo impensáveis.

Nem toda a produção tecnocientífica do mundo nos fará felizes. Mas, por outro lado, não há nenhuma “mãe-natureza” para o seio da qual retornar. Não há porque nunca houve. Só há processo artificioso de produção artística de artifício.

Talvez a compreensão de que nenhum deus poderá nos salvar, isto é, talvez o enfrentamento do recalque originário e da experiência de desamparo que o acompanha, possa abrir possibilidades de produção tecnológica ainda mais avançadas, criativas e engenhosas, que possam produzir novos mundos.

*Recebido em 01/04/2021*

*Aprovado em 05/12/2021*

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Aristides. *Aspectos do verbo haver e seu uso na Nova Psicanálise*. Tranz, Edição 5, dezembro de 2010

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. *Ciência e pós-representação: Notas sobre Heidegger*, in: Política e Trabalho. Revista de Ciências Sociais, ano 22, n. 24 (2006) – João Pessoa: PPGS-UFPb, 2006.

FREUD, Sigmund. *Os instintos e seus destinos* (Obras completas volume 12). São Paulo: Cia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (Obras completas volume 14). São Paulo: Cia das Letras, 2010b

HARARI, Yuval. *Sapiens*. LePM: Porto Alegre, 2019

HEIDEGGER, Martin. *A proveniência da arte e a determinação do pensar (Conferência de Atenas)*. Tradução de Irene Borges Duarte. Texto da chamada “Conferência de Atenas” [Athaener Vortrag] proferida em 4 de Abril de 1967, na Academia de Artes e Ciências de Atenas, sob o título “Die Herkunft der Kunst und die Bestimmung des Denkens”. A edição de referência é de Hermann Heidegger em Denkerfahrten, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1983, pp. 135-149

HEIDEGGER, Martin. *A Época das imagens de mundo*. Tradução de Claudia Drucker, com consulta às traduções de Wolfgang Brockmeier para o francês, em *Chemins que ne mènent nulle part* (Paris: Gallimard, 1986, pp. 99-146), e de William Lovitt para o inglês, em *The Question Concerning Technology and Other Essays* (Nova Iorque: Harper, 1977, pp. 115-154). arquivo online digital: <http://ateus.net/artigos/filosofia/a-epoca-das-imagens-de-mundo/>

HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica in Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 11-38

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999

ÍTALO, Adriana; SANTOS, Gisêlda; MEDEIROS, Nelma; COELHO, Patrícia; CARVALHO, Paula; MENDES, Potiguara. *Temas da Nova Psicanálise*. Revista Tranz, edição 1, dezembro de 2006

LACAN, Jacques. *Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

LACAN, Jacques. *Seminário 05 – As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

LYRA, Edgar. *A atualidade da Gestell heideggeriana ou a alegoria do armazém*. In MAC DOWELL, João A. (org): Heidegger - a questão da verdade do Ser e sua incidência no conjunto do seu pensamento, FAJE/Via Verita, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 2014.

MAGNO, MD; MEDEIROS, Nelma. *Razão de um percurso*. Rio de Janeiro: Novamente, 2015

MAGNO, MD. *A psicanálise, novamente: um pensamento para o século II da era freudiana*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.

MAGNO, MD. *Comunicação e cultura na era global*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005

MAGNO, MD. *Economia fundamental: metamorfoses da pulsão*. Rio de Janeiro: Novamente, 2010

MAGNO, MD. *SoPapos 2014*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2021

MAGNO, MD. *AmaZonas: a psicanálise de A a Z*. Rio de Janeiro: Novamente, 2008

MAGNO, MD. *Arte e Fato*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2001

MAGNO, MD. *Arte e Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008b

MAGNO, MD. *Velut Luna*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008c

MAGNO, MD. *Est'Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992

MAGNO, MD. *Clavis Universalis*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2007

MAGNO, MD. *O Pato Lógico*. Rio de Janeiro: NovaMente, 1986

MEDEIROS, Nelma. *O primado heurístico da noção de formação: para uma teoria gnóstica do conhecimento*. Lumina, v.2 n.2, Juiz de Fora, 2008

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000



Esta obra está licenciada com uma Licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).